

PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM CURSOS DE TURISMO DE NÍVEL SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lillian Maria de Mesquita Alexandre¹.

Professora do Instituto Federal de Sergipe (IFS). E-mail: lillian_mesquita@hotmail.com

Jaime José da Silveira Barros Neto².

Professor do IFS. E-mail: jaimesbn@gmail.com

RESUMO

Com a finalidade de proporcionar aos alunos um melhor aproveitamento técnico e científico das atividades que são consideradas complementares e visando uma interdisciplinaridade entre as disciplinas é que foi proposto no Curso Superior de Turismo da Faculdade de Sergipe – FaSe, no período de 2003 a 2007, os projetos interdisciplinares. Tais projetos fomentavam no corpo discente produção de trabalhos como mostra fotográfica, relatos de experiência, artigos e projetos de pesquisa, facilitando o manuseio com a metodologia e seus procedimentos, e com o corpo docente, um maior conhecimento sobre seu objetivo de trabalho, o turismo e a sua interrelação com as demais disciplinas do período vigente. Como resultado das pesquisas, os alunos apresentaram, em um evento denominado Encontro Interdisciplinar do Curso Superior de Turismo – EICT, que tiveram versões até a 7ª edição.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Projeto Interdisciplinar. Curso Superior de Turismo.

RESUMEN

Con la finalidad de proporcionar a los estudiantes un mejor aprovechamiento de las actividades científicas y técnicas que son consideradas complementares y con al dirección para la interdisciplinariedad entre las disciplinas es el propuesto en el Curso Superior de Turismo de la Facultad de Sergipe - Fase en el período de 2003-2007, los proyectos interdisciplinarios. Estos proyectos son dispuestos en los alumnados a través de obras como muestra de fotografía, relatos de experiencia, artículos y proyectos de investigación para un fácil manejo con la metodología y sus procedimientos, y con los profesores, un mayor conocimiento de su meta de empleo, el turismo y su interrelación con otras disciplinas en el período que se seje. Como resultado de la investigación, los estudiantes presentaron en un evento llamado Encuentro Interdisciplinario del Curso Superior de Turismo - eTIC, que se prolongaran hasta la 7ª edición.

Palabras-clave: Interdisciplinariedad. Proyecto Interdisciplinar. Curso Superior de Turismo.

¹ Bacharela em turismo (Unit) e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS). Ex-coordenadora do Curso de Turismo da Faculdade de Sergipe – FaSe (2003-2007).

² Bacharel em turismo (UFPB) e Mestre em Recursos Naturais (UFCG).

1. Introdução

Em todo o mundo o turismo é um fator de desenvolvimento econômico e bem-estar social. Sua importância como instrumento de aceleração econômica e de incremento na área social e cultural da coletividade é indiscutível. O turismo no Brasil incentiva o investimento de capital estrangeiro, contribui na arrecadação de impostos e gera empregos.

Por ser uma região com um imenso potencial turístico, o Nordeste Brasileiro, e por consequência o Estado de Sergipe, participa de todo o ciclo produtivo de negócios para o desenvolvimento do país, encarando o turismo como uma alternativa de desenvolvimento e como um desafio para atingir os melhores níveis de receptividade de turistas.

É com entusiasmo que se vê o turismo como a engrenagem que proporciona a viabilidade de concretização do desenvolvimento de muitas localidades, inclusive de forma exclusiva para algumas, detentoras de melhor infra-estrutura e potencialidades turísticas competitivas.

A atividade turística em todo o mundo se encontra diante de pressões do mercado, da estrutura das ações comerciais, da intensificação da competitividade e da relação entre quantidade e qualidade na prestação dos serviços aos turistas. (RUSCHMANN, 2004, pg. 05).

A capacitação de obter êxito nas ações propostas e o futuro da atividade dependerá das metas, da qualidade dos serviços prestados e da capacidade dos empreendedores em conduzir os seus negócios considerando, entre vários outros aspectos, a capacitação e o treinamento próprios e das suas equipes.

A necessidade de envolver o profissional com as tendências de mercado se fazem necessário tendo em vista a capacidade que ele deve ter sobre a ótica da diversidade existente na área de turismo, levando em consideração neste momento, os aspectos globalizados e a percepção de necessidades, não apenas teórico-prático, mas também sensitivas e criativas.

Dessa forma, a interdisciplinaridade torna-se um instrumento interessante para fortalecer este processo de aprendizagem explicitado anteriormente, dentro de um contexto de estimular os futuros profissionais a estarem atentos ao que o mercado está apresentando.

De acordo com Piaget:

A interdisciplina é uma inter-relação orgânica dos conceitos de diversas disciplinas até o ponto de construir uma nova unidade formada com as contribuições de cada uma das disciplinas particulares. Isto compreende um processo de integração interna e conceitual que rompe a estrutura de cada disciplina para formar uma axiomática nova e comum a todas elas com fim de dar uma visão unitária de um setor do saber. A esse processo oi

destinado um conceito que também é aceito, que se chama transdisciplina ou passo a uma nova disciplina. (PIAGET APUD CENTENO, 2003)

Quando se aplica o conceito de interdisciplinaridade, para o caso do turismo, será necessário formar um corpo teórico a partir desse conceito; isto se conseguiria no caso de se unirem organicamente às disciplinas componentes para inaugurar um campo novo que reuniria aspectos de disciplinas não ligadas previamente. (CENTENO, 2003, p. 79).

Por isto, o estudo apresenta o resultado do desenvolvimento dos Projetos interdisciplinares no Curso Superior de Turismo da Faculdade de Sergipe – FaSe, no período de 2003 a 2007, com o maior intuito de proporcionar aos alunos um melhor aproveitamento técnico e científico das atividades que são consideradas complementares pelas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN's para os Cursos de Graduação, visando uma interdisciplinaridade entre as disciplinas dos períodos vigentes, através da avaliação da aprendizagem e do incentivo à pesquisa e ao empreendedorismo.

Desta forma, segundo Morin (2003, p. 45) “pensar não é servir as idéias de ordem ou de desordem, é servir-se delas de modo organizador e, às vezes, desorganizador para conceber nossa realidade” e isso é de suma importância para que o processo da interdisciplinaridade possa vir a ser viabilizado na realidade dos docentes, uma vez que as formações são diversas e tornar real um processo de ruptura de paradigmas não é algo tão simples.

Como objetivos específicos buscaram a) alcançar a iniciação à pesquisa científica, favorecendo ao aluno a percepção dos métodos e instrumentos necessários à construção de seu trabalho de conclusão de curso; b) despertar as habilidades inerentes ao indivíduo e necessário ao profissional e c) a compreensão da matriz curricular do curso de turismo da instituição e o seu diferencial competitivo.

Foi utilizado como base metodológica à pesquisa bibliográfica documental, utilizando-se do instrumento de pesquisa o método descritivo, a partir da observação direta e atuação do pesquisador em pesquisa ação, pois o mesmo vivenciou o processo diretamente.

2. Formação do turismo contemporâneo

O turismo organizado surge, segundo Trigo (2000), a partir de meados do século XIX, como consequência do desenvolvimento tecnológico iniciado pela Revolução Industrial e da formação de parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para viajar.

A gestão da atividade turística se deu nessa sociedade industrial, onde, principalmente em função das economias de escala, da expansão de segmentos de mercado

com excedentes de renda, dos avanços na legislação social que garantiram férias remuneradas e da implantação de equipamentos de consumo coletivo que contribuíram para junção das variáveis tempo/espaço, ela teve um ambiente propício para o seu nascimento.

Segundo Andrade e Neto (2001), “a sociedade industrial possibilitou a ampliação da oferta de lazer para os segmentos laborais revestidos de renda, poupança e tempo livre para o descanso” e isso fez com que, segundo a concepção de Rabahy (1990), a maior quantidade de tempo livre para o lazer, esteja associada ao progresso econômico, decorrente do avanço tecnológico e da melhoria da qualidade dos recursos humanos.

Segundo dados da OMT – Organização Mundial do Turismo, o tempo de lazer semanal evolui de 64 horas, na década de 40/50, para 77 horas, em 1970/80, sendo projetada uma disponibilidade de 83 horas para o final do século, que corresponderia a quase 50% do uso do tempo. Esse ganho do tempo para o lazer se deu em substituição às horas dedicadas ao trabalho, que passou de 48 horas, na década de 40/50, para cerca de 35 horas, na década de 70/80, enquanto o tempo destinado ao repouso e às outras atividades essenciais permanece constante e estimado em 56 horas semanais. (OMT, 2001)

O homem, o espaço e o tempo constituem os três pré-requisitos para qualquer reflexão equilibrada a respeito do fenômeno turístico, uma vez que um completa e depende do outro para sua harmônica existência.

O crescimento do turismo sugerido por Cavaco (1996) ocorreu na segunda metade do século passado, quando o turismo registrou um crescimento espetacular como fenômeno social e como fator poderoso de desenvolvimento econômico nas áreas receptoras, claramente sentido em termos de produto e de valor acrescentado, apesar de certo controle dos correspondentes fluxos financeiros por unidades transacionais indiferentes às regiões que exploram, pelo menos no turismo internacional. Há, no geral, mudanças perceptíveis quanto a rendimentos, níveis de vida e estruturas sócio-econômicas nos locais de destino: novas atividades, novos promotores, novas formas e ritmos de trabalho e de distribuição dos rendimentos.

3. A importância do turismo para a economia local

O turismo como qualquer outra atividade econômica, deve ter o seu desenvolvimento racionalmente pré-determinado, para que as necessidades e potencialidades sejam gerenciadas e se transformem em estratégias que conduzam à inserção do patrimônio natural, histórico e cultural no circuito econômico, evidentemente através do uso não predatório dos mesmos.

Municípios com um grau de desenvolvimento avançado reservam ao turismo um papel destacado em sua estratégia de desenvolvimento, dado que se constitui, na maioria deles,

numa de suas atividades motrizes, interligados com outros setores importantes, geradores de empregos e de divisas, onde isto gera uma revitalização e diversificação da economia, capaz de envolver a população local, valorizando-a de forma a envolvê-la no processo de desenvolvimento local.

Entretanto, a ausência de uma diretriz nacional, segundo Beni (2001) e a falta de uma ação intersetorial entre os órgãos públicos de turismo no Brasil, estão a determinar o crescimento isolado do setor e a elaboração de planos e programas inapropriados e desassociados da realidade cultural, política, econômica e social do País.

Apesar do crescimento do turismo nos últimos anos, é possível observar que o mesmo se deu em decorrência de programas e iniciativas isoladas do que a uma atuação coordenada que refletisse claramente seus benefícios socioeconômicos, culturais e humanos.

Por isso, é preciso que as ações sejam congregadas com o intuito de propor estratégias, com objetivos claros e concisos da esfera do planejamento global, integrando-o efetivamente às demais atividades produtivas da economia.

Dessa forma, é que poderão definir políticas coerentes e realistas, considerando as condicionantes geoeconômicas e geoestratégicas de localidades, bem como investigando e contemplando os múltiplos aspectos que compõem o fenômeno turístico.

4. Breve histórico dos Cursos de Turismo

Segundo Ritchie já há mais de uma década conclamava, na reunião da Associação Internacional dos Expertos Científicos em Turismo, colocava ser necessário:

[...] atender as diversas necessidades de uma indústria turística multidimensional (...) desenvolvendo marcos para o leque de programas multidisciplinares requeridos pelo turismo, baseado em que “não é possível atender a todas as necessidades específicas de cada setor da indústria. (RITCHIE, 1990)

O padrão empresarial para essa nova era do capitalismo, chamada de “acumulação flexível”, pode ser representado por círculos concêntricos, em cujo centro se encontra o grupo chamado de primário, caracterizado por flexibilidade funcional, tempo integral, estabilidade, boa remuneração, benefícios sociais e capitação, entre outras vantagens. Seguem-se dois grupos periféricos. O primeiro é constituído por trabalhadores de tempo integral, qualificados, tais como secretárias, recepcionistas, escriturários e outros trabalhadores manuais, que têm menos oportunidades de fazer carreira na empresa e, conseqüentemente, convivem com a alta rotatividade. O segundo grupo periférico é constituído por trabalhadores de tempo parcial, os contratados por pouco tempo, os estagiários e outros similares, que têm pouca estabilidade,

grupo este que tem crescido consideravelmente nos últimos anos (Harvey 1989). Finalmente, no círculo externo, estão os autônomos, os subcontratados, os temporários e os terceirizados.

A idéia de flexibilização contida nessa estrutura não é a mesma adotada nos cursos de turismo do Brasil, nestes, a imagem de um funcionário polivalente foi mal interpretada. As empresas de turismo precisam de funcionários com flexibilização vertical e especialização horizontal, pessoas que, dentro de um hotel, possam tanto gerenciar uma área quanto carregar uma bagagem sem constrangimento, operar uma central de reservas e molhar as plantas da recepção se for preciso. Ao contrário, adotou-se aqui a flexibilização horizontal com rigidez vertical. Hipoteticamente o bacharel em turismo pode trabalhar eficientemente no gerenciamento de qualquer empresa de turismo, lazer ou hospitalidade, da hotelaria até uma secretária de Estado, porém não está apto ou não quer fazer trabalhos manuais. Isso pode ter sua explicação numa história marcada pela escravidão em que os membros das classes médias se recusam a qualquer trabalho braçal, mesmo dentro de casa, por considerar esse tipo de trabalho uma tarefa indigna ou humilhante.

Cabe a pergunta: Será que os diplomas que estão sendo conferidos nos cursos de turismo vêm acompanhados dos saberes necessários para o desempenho das diferentes tarefas da diversificada área de turismo ou, dado que 99% dos cursos são privados, no afã de matricular uma maior quantidade de alunos, esses cursos estão substituindo a diretriz de oferecer múltiplos perfis profissionais pela de formar um profissional com muitos perfis?

As diretrizes curriculares são claras quanto à autonomia que as Instituições de Ensino Superior – IES podem ter, dessa forma, pode-se e deve-se evitar a tentação de reproduzir a cultura de massa, fazendo propostas curriculares amplas para conquistar todos os segmentos da “clientela”.

4.1 - Os cursos universitários de turismo no Brasil

Os primeiros cursos de turismo surgem no primeiro quinquênio de 1970, nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro uma conjuntura política, econômica e social peculiar tanto do ponto de vista mundial quanto nacional. (TRIGO, 1991, p. 45)

Em nível internacional, nessa época a universidade estava marcada pela revolução cultural de 1968, que, de Paris, se expandiu para o mundo. Em nível nacional havia uma conjuntura política de ditadura militar, voltada para a economia de mercado e com ideologia desenvolvimentista.

A origem dos cursos universitários de turismo no Brasil foi um pouco diferente da origem dos cursos de turismo na Europa ocidental e na América do Norte. De acordo com Jafari (1999) e Rejowski (1996), em outros países os cursos de turismo surgiram como uma

extensão de outros cursos, notadamente os de administração hoteleira ou como disciplinas dentro de cursos preexistentes, tais como geografia e administração. Nos Estados Unidos, surgiram a partir dos cursos de hotelaria, que, por sua vez, tiveram início na década de 1920 para suprir uma necessidade detectada, e foram sustentados economicamente pelos próprios empresários hoteleiros. Na década de 1950, foi criado o Instituto de Agentes de Viagens Credenciados, sustentado pela Sociedade Americana de Agentes de Viagem - Asta e em 1958, Robert McIntosh foi designado como o primeiro professor de turismo na Universidade de Michigan, que teria seu primeiro bacharelado em turismo somente em 1969. (DREW, 2003, p. 56).

O intervalo de 47 anos entre o primeiro curso de hotelaria e o primeiro bacharelado em turismo evidencia o processo de amadurecimento da idéia em virtude das necessidades sociais.

No Canadá, na década de 1980, começa a ser percebida a necessidade de capacitar pessoas para trabalhar na área de turismo e, logo após evidencia-se a necessidade de também formar o nível gerencial. (RITCHIE, 1990, p. 121).

No Brasil, muitos cursos nasceram com autonomia própria, por iniciativas isoladas de seus fundadores. De acordo com o depoimento colhido por Caturegli (*apud* Rejowski, 1996), o primeiro curso surgiu porque “havia um grande contingente de interessados [em curso técnico de turismo], mas todos já haviam terminado o curso colegial. Havia, também, a explosão de cursos novos, as mulheres estavam voltando aos bancos universitários”. (p. 62)

Tratava-se de um conteúdo programático de cunho técnico-operacional, dirigido a um público cuja grande maioria procurava, fundamentalmente, um entretenimento para preencher o tempo deixado pelas atividades domésticas.

5. Entendendo melhor a multiplicidade dos conceitos de interdisciplinaridade:

A Interdisciplinaridade é um termo que não tem significado único, possuindo diferentes interpretações, mas em todas elas está implícita uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca da unidade do pensamento. (FAZENDA, 1994, p. 13)

Entretanto, ela é apenas pronunciada e os educadores não sabem o que fazer com ela. Sentem-se perplexos frente à possibilidade de sua implementação na educação. Essa perplexidade é traduzida por alguns na tentativa de construção de novos projetos a marca da *insegurança*. (FAZENDA, 2005, p. 15).

Tal insegurança, segundo Fazenda:

[...] faz parte do novo *paradigma emergente* do conhecimento. Tal como no caso da ciência moderna Descartes tinha exercido a *dúvida* em vez de a sofrer, é necessário que a ciência pós-moderna *assuma* a insegurança em vez de *postergar*, mas assumir a insegurança pressupõe o fato de a exercer com responsabilidade. (Fazenda (2005)

É importante compreender que em termos de ensino, que os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional, principalmente porque o desenvolvimento tecnológico atual é de ordem tão variada que fica impossível processar-se com a velocidade adequada a esperada *sistematização* que a escola requer. (FAZENDA, 2005, p. 16).

É preciso compreender de que forma o acréscimo de novas disciplinas e mesmo um inchaço de conhecimento irá auxiliar a transpor essas barreiras ou de criar fronteiras ainda mais rigorosas entre as disciplinas.

Vale ressaltar que não é possível deixar de lado os conhecimentos tradicionalmente sistematizados e organizados e têm partido única e exclusivamente para a organização curricular a partir de uma exploração indiscriminada de conhecimentos do senso comum. Esquecem-se, com isso, que o senso comum, deixado a si mesmo, é conservador e pode gerar prepotências ainda maiores que conhecimento científico. (FAZENDA, 2005, p. 17).

Entretanto, o senso comum, quando interpenetrado do conhecimento científico, pode ser a origem de uma nova racionalidade, pode conduzir a uma ruptura epistemológica em que não é possível pensar-se *numa* racionalidade pura, mas em *racionalidades* – o conhecimento não seria assim privilégio de um, mas de vários. (FAZENDA, 2005, p. 17).

Por isso é que a interdisciplinaridade coloca em confronto valores e conceitos, permitindo o desenvolvimento de uma consciência crítica e incentivando a formulação de soluções criativas, uma vez que, segundo Barbosa:

[...] a função da interdisciplinaridade não é comunicar ao indivíduo um visão integrada de todo o conhecimento, mas desenvolver nele um processo de pensamento que o torne capaz de, frente a novos objetos de conhecimento buscar uma nova síntese. (BARBOSA, 1979)

6. A prática interdisciplinar em turismo: O Caso Curso Superior de Turismo da FaSe.

Dado que o estudo em turismo, segundo Ansarah (2002) “tem amplas relações com as outras ciências, algumas vezes estes campos não se definem claramente, criando alguns problemas semânticos e confusões conceituais”. (p 23)

Com a globalização, o mundo vivencia uma nova onda – *a do indivíduo* – na qual o grande diferencial é a competência das pessoas. As novas tecnologias de equipamentos e de gestão detêm um papel fundamental, passam necessariamente pela crescente flexibilização das novas relações de trabalho e tem como consequência o aparecimento de novas e diferentes formas de se organizar materiais e de capacitar o elemento humano para a produção de bens e serviços necessários à sociedade. (ANSARAH, 2002, p. 27).

A educação turística, dada sua característica de prestação de serviços, deve basear-se também em princípios empresariais. Os educadores devem tomar contato com a realidade, incluindo práticas que deveriam ser habituais em sala de aula como: preparar “cases” de estudo, simulações, efetuar convênios com empresas do setor, elaborar projetos de pesquisa conjunta com outras disciplinas e/ou empresas com linguagem científica e de mercado, propiciar programas de intercâmbios para estágios, entre outros (ANSARAH, 2002, p. 27).

A qualificação através da educação possibilita, em um primeiro momento, que cada profissional transforme um simples atendimento em uma recordação inesquecível para o cliente e tenha consciência da responsabilidade e da importância do seu papel no conjunto. É a educação ainda que possa promover a compreensão e o respeito pelo patrimônio histórico-cultural, bem como as atitudes e ações adequadas à preservação do meio ambiente. (PIMENTA, 2004, p. 11).

A Organização Mundial do Turismo – OMT tem atestado:

(...) [que] o turismo apresenta uma grande diversidade e heterogeneidade de atividades que dificultam o tratamento conjunto (...). Isso também repercute no aspecto formativo. As ações devem ramificar-se de forma a marcar as diferenças entre essas atividades, embora a partir de uma idéia conjunta e coesa do setor. (OMT, 1995)

Por isso, discutir a interdisciplinaridade em turismo é um desafio significativo para a formação dos profissionais e sua atuação vencedora no mercado de trabalho, assim como para os docentes, que devem romper paradigmas consolidados com o tempo de sua formação.

De acordo com a Resolução 67 do Conselho Nacional de Educação, todo curso de nível superior tem a obrigatoriedade de incluir em sua carga horária, as atividades complementares. Estas têm o objetivo de desenvolver competências cognitivas, produtivas, sociais e pessoais, correlacionando os conteúdos vivenciados em sala de aula com a prática necessária a formação do profissional em Turismo. (Parecer CNE/CES 146/2002)

Desde o início das atividades da FaSe, em 2003, um dos grandes diferenciais apresentados foi a disciplina atividades complementares, a qual, incluída na matriz curricular dos cursos, apresentava-se flexível para a inserção da prática de Projetos Interdisciplinares,

onde seria possível tomando como eixos temáticos os quatro pilares da educação descritos pela UNESCO que são: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*, perceber e avaliar o potencial e as dificuldades de aprendizagem dos alunos em caráter não formal e não pontual. (PPC do Curso Superior de Bacharelado em Turismo da FaSe, 2003).

A discussão e o aprofundamento do tema levaram a Instituição a concluir que as atividades complementares seria uma ferramenta essencial para o crescimento do aluno, dando grande ênfase à interdisciplinaridade.

É evidente o crescimento e a importância das atividades complementares, em referência ao desenvolvimento do aluno, tornando-se realmente um diferencial competitivo. Seguindo essa linha de pensamento e na busca permanente pela excelência, notamos a necessidade de melhorar cada vez mais esse nosso referencial, fazendo com que esse aluno pudesse se tornar, quando graduado, um profissional que dominasse os conhecimentos ligados à sua área de atuação, possuidor de habilidades e atitudes que viessem a torná-lo um cidadão, ético, responsável e ciente da sua parcela de responsabilidade junto à sociedade.

Dessa forma, a idéia central no Curso de Turismo foi de que em cada período letivo, os alunos pudessem ser avaliados a partir da aprendizagem desses referentes àquele semestre, e isso se daria a partir do desenvolvimento de um Projeto Interdisciplinar, servindo como momento de culminância da programação desenvolvida pelas disciplinas do respectivo semestre, durante os seis primeiros períodos do curso.

Pois, segundo Dencker (2002, p. 35), “a origem do projeto interdisciplinar coloca-se no contexto da pós-modernidade, respondendo à necessidade de superação dos entraves causados pelo paradigma de fragmentação disciplinar atribuído ao racionalismo.”

Na perspectiva do Projeto Pedagógico do Curso Superior de Turismo da FaSe, 2003 a disciplina atividades complementares, totalizava uma carga horária geral de 120 horas, distribuídas em seis períodos, onde em cada Projeto Interdisciplinar a ser elaborado pelos professores do semestre e para cada um destes, um professor denominado facilitador, seria direcionado a partir da afinidade de sua disciplina com o tema do respectivo projeto. Isso se tornou possível inserindo as características voltadas a interdisciplinaridade, percebendo-a de forma processual, gradativa e constante.

O professor facilitador deveria ter a concepção de interdisciplinaridade clara na área de turismo, uma visão sistêmica do curso e uma condição de refletir sobre as particularidades de cada disciplina, pois a organização do projeto deveria ter um responsável pesquisador para orientar aos alunos.

A elaboração dos Projetos Interdisciplinares era realizada no início de cada semestre, no momento do planejamento pedagógico, onde havia uma discussão configurada analisando-se as tendências do mercado e a linha de pesquisa central do curso: Turismo, Cultura e Meio Ambiente.

Como resultado, foi organizado o Encontro Interdisciplinar do Curso de Turismo – EICT, que ocorreu, no período de 2003 a 2007, em 7 edições, sendo que a organização do evento também passou a ser um laboratório prático da disciplina Organização de Eventos, onde os alunos do 1º ao 6º período do curso, fazem as apresentações dos resultados dos projetos.

No projeto de Atividades Complementares I – ATCI foi trabalhado uma Mostra Fotográfica, onde a percepção dos alunos que estavam iniciando o curso foi despertada, a partir do recurso fotográfico, que teve sua contextualização teórica desenvolvida com os vários recursos textuais possíveis: textos jornalísticos, poéticos, descritivos, etc.

Em ATCII, os alunos partiram para o desafio da produção de um vídeo documentário, onde o recurso áudio visual representou o desenvolvimento do senso crítico através da visibilidade visual.

O rigor metodológico nos dois momentos apresentados seguido por orientação do professor facilitador, com base nas técnicas de fotografia e vídeo documentário, sendo que a partir do ATCIII, os alunos passavam a trabalhar seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT, onde nesta etapa eles elaboraram um *banner*, onde o modelo utilizado foi o da Sociedade Brasileira de Pesquisa e Ciência - SBPC.

A partir de então, a pesquisa torna-se mais contundente, uma vez que os alunos passaram a desenvolver um Pré-projeto de pesquisa em ATCIV, um Projeto de Pesquisa em ATCV e um artigo científico em ATCVI, pois a partir do 4º semestre do curso, os alunos já deveriam estar habilitados para utilizarem os métodos de pesquisa mais adequados para cada etapa, além de estarem com o senso crítico mais apurado para consolidarem suas habilidade e competências necessárias ao profissional que fará a diferença no mercado de trabalho globalizado e competitivo.

A configuração desta proposta no projeto pedagógico surtiu efeitos interessantes no processo ensino-aprendizagem, pois, apesar de muito complexo, a avaliação por competência é um instrumento necessário para esta nova concepção mercadológica globalizada, onde não basta ter o conhecimento teórico, mas aplicar na prática, com todas as adversidades do trabalho multidisciplinar, o conhecimento adquirido ao longo do curso.

7. Conclusão

Sabendo que o turismo é um fator gerador de desenvolvimento local e que pode vir a ser utilizado de forma estratégica para a minimização dos desequilíbrios econômicos nas regiões, é preciso perceber também que isso exige uma nova postura.

Postura esta que parte de uma educação não mais voltada para o tecnicismo, mas o desenvolvimento de habilidades e competências, pois a nova realidade de mercado exige que o profissional saia da comodidade de seu escritório e perceba o que acontece na relações, da qual ele também é um elo transformador.

Por isso, é que a interdisciplinaridade passa a ser um processo do qual alguns paradigmas devem ser rompidos, pois em turismo, a junção dos conhecimentos que formam as matrizes curriculares dos cursos de turismo, traz uma mescla de ciências e não é possível mais, vê-las de maneira isolada, segmentada.

Dessa forma, a construção de um projeto pedagógico seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais é significativo para o processo correto, mas não pode-se perder de vista que o turismo é multi, inter e transdisciplinar, o que necessita de uma análise constante das necessidades de formação do profissional e isto deve ser refletido no momento em que há a flexibilização para as atividades complementares.

O processo de avaliação por competências também passa a ser um grande desafio, haja vista que não houve uma preparação formal acadêmica para os docentes em sua formação, então como romper com preceitos enraizados e abrir-se ao novo?

Entretanto, as possibilidades geradas e os resultados obtidos, podem transformar um processo de defasagem educacional num grande modelo de gestão pedagógica, onde o futuro profissional possa fazer o diferencial competitivo, pois além de sua formação teórica, ele está sendo preparado para lidar com as intempéries de um mercado em constante mudança.

8. Referencial Bibliográfico

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo).

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2001.

_____. **Políticas públicas de turismo**. In CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO, 21, 2001, Fortaleza, Anais. Fortaleza: Ceará. 23 maio 2001. p. 1-15.

CENTENO, Rogelio Rocha. **Metodologia da pesquisa aplicada ao turismo: casos práticos**. Trad. Waldelina Rezende. São Paulo: Roca, 2003

CAIDEN, Gerald. E. e CARAVANTES, Geraldo R. **Reconsiderações do conceito de desenvolvimento**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

CARA, Roberto Bustos. El turismo y los procesos de transformación territorial In RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local In RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior. Uma experiência no curso de turismo**. São Paulo: Aleph, 2002

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 6.ed. São Paulo: Futura, 2002

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do Futuro**. Trad. C. E. F. Silva e J. Sawaya. 8. Ed. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2003.

OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001

PARECER CNE/CES 146/2002, **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação**. Disponível em: [www.http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf.14](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf.14). Acesso: 10/ago./2003.

PIMENTAL, M. A. **Gestão de Pessoas em Turismo**: sustentabilidade, qualidade e comunicação. Campinas: Alínea, 2004.

FASE. Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da Faculdade de Sergipe, vigente no período de 2003 a 2007. Coordenação de Turismo da Fase, 2003.

RABAY, W. A. **Turismo e Desenvolvimento:** estudos económicos e estatísticos no planeamento. Barueri; Manole, 2003.

REJOWSKI, Míriam. **Turismo e pesquisa científica.** Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Turismo)

RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e espaço:** rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

RUSCHMANN, Doris van de, SOLHA, Karina Toledo (org.). **Turismo: uma visão empresarial.** Barueri, Sp: Manole, 2004.

TRIGO, L. G.G. A. **A Sociedade Pós-industrial e o Profissional em Turismo.** Campinas: Papirus, 1998. (Turismo)

VELOSO, Marcelo Parreira. **Visita Técnica – uma investigação acadêmica.** Goiânia: Kelps, 2000.